

O chamado de Cthulhu¹

De tão grandes poderes ou seres é perfeitamente possível que haja uma reminiscência... uma reminiscência² de um período remoto, quando... a consciência estava manifesta, talvez, em formas e contornos apagados desde antes da maré de avanço da humanidade... formas das quais a poesia e a lenda, sozinhas, tenham captado uma memória esparsa e as denominado de deuses, monstros, seres míticos de todos os tipos e espécies...

- ALGERNON BLACKWOOD³

¹ O termo *Cthulhu* é provavelmente uma invenção do próprio H. P. Lovecraft. É, juntamente com o livro imaginário *Necronomicon*, uma de suas mais famosas criações; tanto, que deu origem à expressão Mitos de Cthulhu, que abrange toda a literatura lovecraftiana e o universo desenvolvido por outros autores com base em suas descrições metafísicas.

Questiona-se se a origem do termo seria a raiz árabe *Khadhulu*: “aquele que abandona”; em outras acepções, inclusive no próprio Alcorão, “satã”. Há outra linha de estudos que atribui o nome à mitologia suméria. Certo é que *Cutha* remete a uma antiga cidade da Babilônia, “cujo nome foi dado a uma tábua que apresenta um relato da ‘criação’”. E *Khado* (tib.), que aparece na origem de *Khadhulu*, é uma designação comum “a demônios-fêmeas maus, segundo a crença popular. Na filosofia esotérica, são as forças ocultas e malignas da Natureza.” Outra possibilidade seria *Kutula* (sânsco.): “curvo, encurvado, torcido, sinuoso; astuto, arreiro, enganoso.”

De acordo com Denílson Carareto, as pronúncias mais aceitas para o termo são “kuh-thoo-loo”, na transliteração fonética do inglês (ou “ka-tu-lu”, em português) e “cloo-loo”, esta última defendida por estudiosos que se detêm sobre a obra de H. P. Lovecraft. (V. origem do termo Cthulhu em *Site Lovecraft*. Os Mitos de Cthulhu. Brasil, 2004. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/de3103>>. Acesso em 23 jan 2006; e Reading/Writing Science Fiction/General. Lovecraft. EEUU, s.d. Disponível em: <<http://www.writingyourselfwell.net/sciencefiction>>. Acesso em 23 jan 2004. V. ainda referências sobre raízes e termos estrangeiros em BLAVATSKY. *Glossário Teosófico*. 3ª ed. Trad. de Silvia Sarzana. São Paulo: Ground, 1995.) [N.T.]

² No original, “survival” (ingl.) que significa *sobrevivência*. A opção por reminiscência tenta traduzir o espírito de legacia. Esta versão, contudo, se alterna no decorrer do texto, aparecendo, também, em seu significado literal. [N.T.]

³ Agemon Henry Blackwood (1869-1951) nasceu em Shooter’s Hill, Inglaterra. “De origens nobres – a mãe era a duquesa de Manchester, e [o] pai Sir Stevenson Arthur Blackwood”, Algernon já foi considerado “um dos maiores autores de terror do começo do século XX”. Admirado por H. P. Lovecraft, que dizia que o conto *The Willows*, de 1907, era “o melhor dos contos do sobrenatural de todos os tempos”. “Das suas investigações acerca do sobrenatural resultam-se também cuidadosas investigações acerca da psicologia humana.” (V. biografia de Blackwood no *Site Lovecraft*. Mestres. Brasil, 2004. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/de3103>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

I. O HORROR EM BARRO

A coisa mais misericordiosa no mundo, eu acho, é a inabilidade da mente humana em correlacionar todos seus conteúdos. Nós vivemos em uma plácida ilha de ignorância no meio de um oceano negro infinito, e não era para que pudéssemos navegar para longe. As ciências, cada uma esticando a corda em sua própria direção, têm nos causado pouco mal até agora; mas algum dia esse mosaico de conhecimento dissociado nos legará um terrível paronama da realidade e de nossa amedrontadora posição neste lugar, tão terrível, que ou bem nós ficaremos loucos diante da revelação ou fugiremos covardemente da luz mortal para a paz e a segurança de uma nova Idade Negra.

Os teósofos predisseram a impressionante grandeza do ciclo cósmico em que nosso mundo e a raça humana são apenas incidentes passageiros. Eles apontaram algo que congelaria nosso sangue se não estivesse mascarado por um suave otimismo. Mas não é deles que advém o único vislumbre de eternidades proibidas que me causa calafrios só de pensar, e me enlouquece quando eu sonho. O vislumbre de que falo, como o fazem todos os vislumbres terríveis da verdade, arrebatou-me em um quebra-cabeças montado acidentalmente - cujas peças principais eram um artigo de jornal velho e as notas de um professor já falecido. Torço para que ninguém mais seja capaz de montar este quebra-cabeça; eu mesmo, se viver, certamente nunca mais alimentarei um vínculo assim em tão nefasta cadeia. Eu penso que o professor, também, pretendeu manter silêncio sobre o quanto ele soube, e que ele teria destruído suas notas se uma morte súbita não o houvesse detido.

Meu conhecimento da coisa começou pelo inverno de 1926-7 com a morte de meu tio-avô, George Gammell Angell, Professor Emérito de Idiomas Semíticos na Brown University Providence, em Rhode Island. Professor Angell era amplamente conhecido como uma autoridade em antigas inscrições, e a ele recorrera freqüentemente os diretores de proeminentes museus, de forma que o transcurso dele à idade de noventa e dois anos pode ser reconstituído por muitos. Em âmbito local, o interesse foi intensificado pela obscuridade da causa de sua morte. O professor foi ferido ainda voltando do barco Newport; caindo repentinamente, como afirmaram as testemunhas, depois de ter sido empurrado por um negro em trajes náuticos que teria surgido de um beco sombrio e

esquisito na ladeira íngreme que ligava em uma pequena trilha a zona portuária à casa do defunto na Rua Williams. Os médicos não puderam encontrar qualquer desordem visível, mas concluíram depois de um perplexo debate que alguma lesão obscura do coração, induzida pela subida enérgica de uma ladeira íngreme como aquela por um senhor já de idade, era responsável pelo fim. À época eu não vi razão alguma para divergir da sentença, mas recentemente estou inclinado a supor - e mais que supor.

Como o herdeiro e testamenteiro de meu tio-avô, uma vez que ele morreu viúvo e sem filhos, eu devia me inteirar acerca de seus documentos com um pouco de eficácia; e, com este propósito, movesse todos os seus arquivos e as suas caixas para minha residência em Boston. Grande parte do material que eu pesquisei será mais tarde publicado pela Sociedade Arqueológica Norte-Americana, mas no meio de tudo havia uma caixa que eu achei profundamente intrigante, e a qual eu me senti bastante contrafeito em expor a outros olhos. Tinha sido fechada, e eu não pude achar a chave; até que me ocorreu examinar o anel pessoal que o professor levava em seu bolso. Então, consegui abri-la de fato, mas, quando o fiz, parecia apenas estar diante de um obstáculo maior e mais bem guardado. Qual seria o significado do estranho detalhe de barro em baixo-relevo, e dos mínimos encaixes e talhos incoerentes que eu achei? Havia meu tio, em seus últimos anos de vida, se tornado crédulo dos mais superficiais embustes? Resolvi procurar o escultor excêntrico responsável por esta aparente perturbação na paz de espírito de um velho homem.

O baixo-relevo era um retângulo áspero com menos que uma polegada de espessura e aproximadamente cinco por seis polegadas de área; obviamente de origem moderna. Seu desenho, no entanto, estava longe de ser moderno em atmosfera e sugestão; de modo que embora os caprichos do cubismo e do futurismo sejam muitos e selvagens, eles raramente reproduzem aquela regularidade críptica que está à espreita na escrita pré-histórica. E a algum tipo de escrita a grandeza daqueles desenhos parecia pertencer; ainda que minha memória, apesar de muita familiaridade com os documentos e coleções de meu tio, tenha falhado nas diversas tentativas de identificar esta espécie particular ou mesmo apontar suas associações mais remotas.

Sobre estes aparentes hieroglífos estava uma figura de evidente propósito pictórico, conquanto sua execução impressionista proibisse uma idéia muito clara de sua natureza. Parecia ser um tipo de monstro, ou símbolo representando um monstro, com uma forma

que somente uma imaginação doentia poderia conceber. Se eu disser que minha extravagante fantasia trouxe os quadros simultâneos de um polvo, um dragão, e uma caricatura humana, eu não estaria sendo infiel ao espírito da coisa. Uma cabeça polpuda e cheia de tentáculos sobrepujou um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares; mas era o esboço geral do todo que fez a imagem tão chocantemente amedrontadora. Atrás da figura havia uma vaga sugestão de um fundo arquitetônico ciclópico.

A escritura que acompanhava esta esquisitice estava, com exceção de uma pilha de recortes de jornal, manuscrita na caligrafia mais recente do Professor Angell; e não tinha a menor pretensão de estilo literário. O que parecia ser o documento principal intitulava-se “CULTO A CTHULHU” em caracteres esmeradamente impressos para evitar a leitura errônea de uma palavra tão inusitada. Este manuscrito era dividido em duas seções: a primeira das quais intitulada “1925 - Sonho e Trabalho dos Sonhos⁴ de H. A. Wilcox, Rua Thomas nº 7, Providence, R. I.”, e a segunda; “Narração do Inspetor John R. Legrasse, Rua Bienville nº 121, Nova Orleans, La., às 1908 A. A, S. Mtg. - Notas do Mesmo, & Rel. do Prof. Webb”. Os outros documentos manuscritos eram apenas notas breves, algumas delas citações de livros teosóficos e revistas (notavelmente de “Atlantis e a Lemúria Perdida”, de W. Scott-Elliott), e o resto comentava sobre a longa sobrevivência de sociedades secretas e cultos ocultos, com referências a passagens em livros de mitologia e antropologia como “O Ramo Dourado”⁵, de Frazer, e “O Culto à Bruxa na Europa Ocidental”⁶, da Senhorita Murray. Os trechos aludiam repetidamente a uma *atroz*⁷ enfermidade mental e erupções de loucura coletiva ou mania pela primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal contava uma história muito peculiar. Parece que em 1º de março de 1925, um jovem magro, sombrio, de aspecto neurótico e exaltado tinha procurado pelo Professor Angell portando o singular detalhe de barro em baixo-relevo, o qual estava então extremamente úmido e fresco. Seu cartão indicava o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio o reconheceu como sendo o filho mais jovem de uma boa família de que tinha ligeiramente ouvido falar, e que nos últimos anos esteve

⁴ No original, “Dream and Dream Work”. [N.T.]

⁵ De acordo com Celso M. Paciornik, o livro foi publicado no Brasil pela editora Guanabara Koogan, em 1982. (V. LOVECRAFT. *O horror em Red Hook*. Trad. de Celso M. Paciornik. *Illuminuras*, 2000.) [N.T.]

⁶ De acordo com Celso M. Paciornik, o livro foi publicado em 1921, “defende a tese de que o culto à bruxas, tanto na Europa como na América, tem origem numa raça pré-ariana que foi impelida para um mundo subterrâneo, mas continua à espreita em cantos escondidos da Terra.” (V. LOVECRAFT. *Id, Ibid.*) [N.T.]

⁷ No original, “outré” (fr.): atroz, ultrajante. [N.T.]

estudando escultura na Rhode Island School of Design e vivia sozinho no Edifício Fleur-de-Lys próximo à instituição⁸. Wilcox era um talento precoce de gênio reconhecido mas bastante excêntrico, e desde a infância chamava atenção pelas estranhas histórias e esquisitos sonhos que costumava relatar. Ele se autoproclamava “psiquicamente hipersensível”, mas o povo ríspido da antiga cidade comercial o rejeitava como uma mera “aberração”. Nunca tendo se entrosado muito com um tipo como aquele, o rapaz desapareceu gradativamente das vistas da sociedade, e acabou se relacionando apenas com um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Até mesmo o Clube de Arte de Providence, preocupado em preservar seu conservadorismo, não o achava muito promissor.

Na ocasião da visita, de acordo com o que discorria o manuscrito do professor, o escultor pediu abruptamente algumas informações sobre o hieróglifo em baixo-relevo aproveitando-se do conhecimento arqueológico de seu anfitrião. Ele falou de uma maneira tão fantasiosa e afetada que meu tio foi acometido por um certo deslumbre e uma simpatia impensada, e mostrou-lhe um pouco de sua aguçada prática respondendo que o visível viço da tabuleta indicava que o objeto poderia ter um parentesco com qualquer área de estudo, menos a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que impressionou meu tio o suficiente para fazê-lo recordar o caso e registrá-lo textualmente⁹, tinha uma disposição fantasticamente poética que deve ter caracterizado todo o diálogo, e que ao meu ver parece ser uma de suas grandes particularidades. Ele disse, “É novo, na verdade. Eu o fiz ontem à noite a partir de um sonho com umas cidades estranhas; e sonhos são mais velhos que o acético reino de Tyro ou a pensativa Esfinge, ou a Babilônia cercada em jardins.”

Foi então que ele começou aquela divagação que de repente mexeu com uma memória latente e ganhou o fervoroso interesse de meu tio. Houve um leve tremor de terremoto na noite anterior, o mais consideravelmente percebido na Nova Inglaterra desde alguns anos; e as crendices de Wilcox foram intensamente afetadas. Em seu retraimento, tivera um sonho sem precedentes com grandes cidades ciclópicas de blocos titânicos e monolitos arremessados do céu, todos gotejando um limo verde e de horror sinistro e dissimulado. Hieróglifos haviam coberto as paredes e as colunas, e de algum ponto abaixo

⁸ O prédio indicado trata-se de um estúdio criado por Sydney Richmond Burleigh, artista de Rhode Island. (V. LOVECRAFT. *O horror em Red Hook*. Trad. de Celso M. Paciornik. Iluminuras, 2000. V. também nota 29.) [N.T.]

⁹ No original, “verbatim” (lat.): textualmente, literalmente. [N.T.]

indeterminado veio uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que somente a imaginação poderia ter transmutado em som, mas que ele se empenhou em interpretar como uma confusão quase impronunciável de letras: “Cthulhu fhtagn”.

Esta confusão verbal era a chave para a recordação que exaltou e perturbou o Professor Angell. Ele interrogou o escultor com exatidão científica; e estudou com uma intensidade quase frenética o baixo-relevo no qual o jovem se achou trabalhando, vestido e agasalhado apenas com sua roupa de dormir, quando a vigília acabou lhe falando mais alto. Meu tio amaldiçoou sua a velha idade, Wilcox disse posteriormente, por sua lentidão em reconhecer ambos os desenhos, o hieroglífico e o pictórico. Muitas das perguntas dele pareciam claramente despropositadas para o visitante, especialmente aquelas que tentavam conectar a representação com cultos ou sociedades estranhas; e Wilcox não pôde entender as repetidas promessas de silêncio em troca das quais lhe era oferecida admissão como membro em algum corpo religioso místico ou pagão. Quando o Professor Angell se convenceu de que o escultor de fato ignorava qualquer tipo de culto ou sistema de sabedoria secreto, ele assediou o visitante com demandas de relatórios de futuros sonhos. A insistência regular deu frutos, de maneira que depois da primeira entrevista o manuscrito passa a registrar visitas diárias do jovem, durante as quais ele relatou surpreendentes fragmentos de devaneios noturnos cujo fardo era sempre algum terrível panorama ciclópico de uma rocha sombria e gotejante, com uma inteligência ou voz subterrânea gritando monotonamente e economizando as palavras em vibrações intraduzíveis. Os dois sons mais frequentemente repetidos são os que se conformam nas letras “Cthulhu” e “R’lyeh”.

Em 23 de março, continuou o manuscrito, Wilcox não apareceu; e investigações em seus aposentos revelaram que ele havia sido ferido por um tipo obscuro de febre e foi levado para a casa de sua família na Rua Waterman. Ele havia berrado durante a noite, despertando vários outros artistas no edifício, e apresentou desde então apenas alterações entre inconsciência e delírio. Meu tio, certa feita, telefonou à família, e daquela vez em diante manteve o caso sob olhar atento; indo regularmente ao escritório do Dr. Tobey - o qual ele descobriu estar encarregado de cuidar da situação - na Rua Thayer. A mente febril do jovem, aparentemente, ocupava-se coisas estranhas; e o doutor vez em quando estremecia só de ouvi-lo falar delas. Elas não só incluíam uma repetição do que ele havia

sonhado anteriormente, mas também falavam absurdamente de uma coisa gigantesca que perambulava ou se amontoava “milhas acima”.

Ele, em momento algum, descreveu completamente o objeto, mas algumas ocasionais palavras delirantes, como repetiu o Dr. Tobey, convenceram o professor de que deveria ser idêntico à monstruosidade sem nome que ele buscou descrever em sua escultura-onírica. A menção a este objeto, o doutor disse ainda, era invariavelmente um prelúdio à aquietação do rapaz em letargia. A temperatura dele, muitíssimo esquisita, não era muito acima do normal; mas sua condição, ao contrário, sugeria que o caso era muito mais uma simples febre que uma confusão mental.

No dia 2 de abril, aproximadamente às 3 da tarde, todos os sintomas da enfermidade de Wilcox cessaram repentinamente. Ele sentou-se reto na cama, surpreso por se achar em casa e ignorando completamente o que havia acontecido fosse sonho ou realidade desde a noite de 22 de março. Como bem declarou seu médico, ele retornou aos seus aposentos três dias mais tarde; mas para o Professor Angell ele tinha mais tanta serventia. Todos os traços dos estranhos sonhos tinham desaparecido com sua recuperação, e meu tio não manteve registro algum dos pensamentos-noturnos¹⁰ dele depois de uma semana de despropositados e irrelevantes relatos de visões absolutamente comuns.

Aqui terminava a primeira parte do manuscrito, mas certas referências a algumas notas dispersas me deram mais material para pesquisar - na verdade, tanto, que só o ceticismo inveterado que então era minha filosofia de vida podia responder por minha desconfiança continuada no tal artista. As notas em questão eram aquelas descrições dos sonhos de várias pessoas, cobrindo o mesmo período no qual o jovem Wilcox tivera as suas estranhas visitas. Meu tio, ao que parece, deu rapidamente início a um prodigioso banco de informações construído a partir dos relatórios noturnos dos sonhos de praticamente todos os amigos a quem ele poderia questionar sem impertinência, e as datas de quaisquer visões que já tivessem tido. A recepção ao pedido parece ter sido diversa; mas ele deve, ao menos, ter recebido mais respostas do que qualquer homem comum poderia ter acolhido sem um secretário. Os originais desta correspondência não foram preservados, mas as suas anotações formam um meticoloso e significativo compêndio. Em média, as pessoas dos negócios e da sociedade - o tradicional “sal da terra” da Nova Inglaterra - apresentaram um

¹⁰ No original, “night-thoughts” (ingl.). A tradução optou pela permanência do substantivo composto. [N.T.]

resultado quase que completamente negativo, apesar de casos de impressões desconfortáveis mas grosseiras terem surgido pontuadamente aqui e acolá, sempre entre 23 de março e 2 de abril - o período do delírio do jovem Wilcox. Homens de Ciência eram um pouco mais afetados, embora quatro casos de vaga descrição sugerissem relances passageiros por estranhas paisagens, e em um único caso fosse mencionado um medo de algo abnormal.

Foi dos artistas e poetas que as respostas mais pertinentes vieram, e eu sei que o pânico teria disseminado caso eles pudessem tivessem tido acesso às notas. Do modo como o fiz, desprovido das cartas originais, eu meio que suspeitei que o compilador pudesse ter organizado em tópicos principais as perguntas, ou editado a correspondência corroborando o que ele inconscientemente estava determinado a enxergar. Essa é a razão por que eu continuei sentindo que Wilcox, de alguma maneira ciente dos antigos dados que meu tio possuía, tirou proveito do veterano cientista. Estas respostas de estetas revelavam uma história perturbadora. De 28 de fevereiro a 2 de abril, eles sonharam, em larga escala, com coisas bizarras, a intensidade dos sonhos se tornava incomensuravelmente mais forte durante o período do delírio do escultor. Mais de um quarto desses que relataram alguma coisa, relataram cenas e meio-sons não muito diferentes dos que Wilcox havia descrito; e alguns dos sonhadores confessaram medo agudo da gigantesca coisa sem nome gigantesca visível segundo este. Em um dos casos que a anotação descreve com ênfase, a pessoa estava muito triste. O sujeito, um arquiteto de renome com inclinações à teosofia e ao ocultismo, ficou violentamente insano na data em que o jovem Wilcox tivera o seu ataque apoplético, e, passados vários meses, em meio a incessantes gritos para que fosse salvo de algum monstro foragido do inferno. Tivesse meu tio se referido a estes casos através do nome em vez do número de registro, eu teria partido para alguma confirmação e investigação pessoal; mas como estava, eu só tive sucesso em localizar de fato alguns. Todos, porém, testemunharam em favor do que diziam as anotações. Eu desejei ardentemente saber se todos os alvos das perguntas do professor teriam se sentido tão confusos quanto esta pequena fração. É certo que nenhuma explicação jamais chegará até eles.

Os recortes de jornais, como eu sugeri, mencionavam casos de pânico, mania, e excentricidade durante o dado período. Professor Angell deve ter contratado um escritório para assessorá-lo¹¹, uma vez que o número de extratos era tremendo, e as fontes dispersas ao redor do globo. Havia um suicídio noturno em Londres, onde um solitário sonâmbulo tinha saltado de uma janela depois de um grito chocante. Havia igualmente uma carta digressiva para o editor de um jornal na América do Sul, em que um fanático deduz um futuro medonho de visões que ele teria visto. Um comunicado da Califórnia descreve uma colônia de teósofos vestindo brancas paramentas em masse para alguma “gloriosa realização” que nunca acontece, enquanto artigos da Índia falam cautelosamente de uma séria inquietação dos nativos diante da passagem de 22 para 23 de março. O oeste da Irlanda, também, está repleto de rumores selvagens e lendas, e um fantástico pintor de nome Ardois-Bonnot exhibe uma blasfemante Paisagem de Sonho no salão de primavera de Paris de 1926. E tão numerosas são as dificuldades registradas em manicômios, que só um milagre pode ter impedido a fraternidade médica de traçar paralelos e tecer conclusões místicas a respeito. Uma série misteriosa de acontecimentos, diziam todos; e eu, a esta altura, mal posso encarar o racionalismo insensível com que eu os pus de lado. Mas eu estava, então, convencido de que o jovem Wilcox tinha conhecimento dos antigos assuntos mencionados pelo professor.

II. A HISTÓRIA DO INSPETOR LEGRASSE.

Os assuntos antigos que haviam tornado o sonho do escultor e o detalhe em baixo-relevo tão significativo para meu tio eram o objeto da segunda metade de seu longo manuscrito. Certa vez, ao que parece, Professor Angell vira os esboços infernais da monstruosidade sem nome, ficara transtornado com os hieróglifos desconhecidos, e ouvira as agourentas sílabas que podem ser traduzidas como “Cthulhu”; e tudo isso foi se ligando

¹¹ No original, a expressão “a cutting bureau” refere-se a uma agência que presta serviços de clipagem, i.e. prepara e elabora clippings, espécies de dossiês feitos com recortes de jornais (*press cuttings*) sobre determinados temas ou assuntos. O serviço é geralmente prestado por firmas especializadas em assessoria de imprensa, daí a opção pela tradução aproximada. [N.T.]

tão horrível e assustadoramente com ele que não é surpresa nenhuma que tenha ido atrás do jovem Wilcox com mais questões e demandando dados.

Esta experiência anterior viera em 1908, dezessete anos antes, quando a Sociedade Arqueológica Norte-Americana celebrou sua conferência anual em St. Louis. Professor Angell, como admitiu uma de suas destacadas autoridades, tivera um papel proeminente em todas as deliberações; e era o mais abordado pelo público interessado, que aproveitava a assembléia para propor perguntas e problemas a serem corretamente respondidos solucionados pelos especialistas.

O homem que tomou à frente do público interessado, e poucos minutos o foco de interesse de toda a conferência, era um homem comum de meia-idade que tinha viajado horas de Nova Orleans até lá na esperança de obter uma certa informação especial de difícil sobre a qual não havia meios de pesquisar em fontes locais. O nome dele era John Raymond Legrasse, e sua profissão era Inspetor de Polícia. Com ele, estava o tema de sua visita, uma grotesca, repulsiva, e aparentemente muito antiga estatueta de pedra, cuja origem que ele não sabia precisar. Não se deve supor que o Inspetor Legrasse tivesse o menor interesse em arqueologia. Pelo contrário, seu desejo de obter esclarecimentos foi instigado por considerações puramente profissionais. A estatueta, ídolo, fetiche, ou o que quer que fosse, havia sido apreendido alguns meses antes nos bosques pantanosos do sul de Nova Orleans durante uma batida policial em uma suposta reunião de feiticeiros¹²; e tão singulares e hediondos eram os ritos ligados a ele, que a polícia não pôde senão deduzir que haviam topado com um culto misterioso totalmente desconhecido, e infinitamente mais diabólico que o mais negro círculo feitiçaria africana¹³. De sua origem, exceto pelas histórias inacreditáveis e contraditórias dos membros capturados da seita, absolutamente nada foi descoberto; daí a aflição dos policiais em obter qualquer instrução sobre peças de antiquário que pudesse ajudá-los a determinar a procedência do símbolo assustador, e desse modo seguir a pista do culto até que localizassem a sua nascente.

O Inspetor Legrasse não estava de todo preparado para a sensação que foi a sua proposta. Um pequeno vislumbre da coisa foi o bastante para lançar os homens de Ciência reunidos ali em um estado de tensa euforia, e, sem perder tempo, eles foram se

¹² No original, a expressão “voodoo meeting” se refere a uma reunião de praticantes de magia *vodu*. A opção por termos relacionados a feitiçaria, mais abrangentes, é apenas estilística. (V. nota anterior.) [N.T.]

¹³ No original, “the blackest of the African voodoo circles”. [N.T.]

aglomerando ao redor dele para contemplar a figura diminuta cuja estranheza absoluta e ar de antigüidade genuinamente inexplicável os levou tão potentemente a visões arcaicas e cerradas. Nenhuma escola reconhecida de escultura havia dado vida àquele terrível objeto, contudo centenas e mesmo milhares de anos pareciam registrados em sua superfície de pedra escura, esverdeada e enigmática.

A figura que, afinal, foi passada lentamente de homem a homem a fim de que se pudesse estudá-la cuidadosamente de mais perto, tinha entre sete e oito polegadas de altura, e um requintado trabalho artístico artesanal. Ela representava um monstro com formas que lembravam vagamente as de um antropóide, mas com a cabeça semelhante a um polvo e de cuja face pendia uma massa de tentáculos, um corpo escamoso, como fosse de borracha, garras prodigiosas nas patas traseiras e dianteiras, e asas longas e compridas na parte posterior. Esta coisa, que o instinto dizia ser algo temível e maligno, era de uma corpulência meio que inchada, e ficava acorada em um bloco retangular ou uma espécie de pedestal coberto com caracteres indecifráveis. As pontas das asas tocavam a parte traseira do bloco, o assento ocupava o centro, enquanto as garras longas, encurvadas para baixo, apoiadas sobre as patas posteriores, agarravam a extremidade anterior e estendiam-se rusticamente por um quarto da altura do pedestal. A cabeça cefalópode inclinava-se para frente, de forma que as pontas dos barbilhões faciais tocavam as enormes patas dianteiras, que, por sua vez, prendiam os joelhos erguidos do animal agachado. O aspecto da figura era anormalmente natural e o mais sutilmente amedrontador devido à sua origem completamente desconhecida. Sua vasta, impressionante e incalculável idade era inequívoca; não obstante não aparentasse nenhuma conexão com qualquer tipo de arte concernente à aurora da civilização - ou mesmo a qualquer outra era. Por outro lado, o próprio material que a constituía era um mistério; para a pedra preto-esverdeada besuntada com seus dourados e iridescentes salpicos e estrias não se parecia com nada familiar nos campos da geologia ou da minerologia. Os caracteres ao longo da base eram igualmente desconcertantes; e nenhum sócio presente, com exceção de uma representação de metade dos peritos e especialistas do mundo neste campo, tinha a mínima noção de seu mais remoto parentesco lingüístico. Eles, da mesma forma que o tema e o material, pertenciam a algo horrivelmente distante e diferente do gênero humano como o conhecemos. Algo

ameaçadoramente sugestivo, de antigos e profanos ciclos de vida nos quais o nosso mundo e as nossas concepções não têm vez.

E então, como os membros respectivamente meneassem a cabeça e se dessem por vencidos em relação ao tal problema do inspetor, houve um homem na assembléia que suspeitou um toque de bizarra familiaridade na forma e na escrita monstruosa do artefato, e que, no mesmo instante, contou não sem algum acanhamento o pequeno boato que ele conhecia. Esta pessoa era o falecido William Channing Webb, Professor de Antropologia na Princeton University, e um explorador de mão cheia. O Professor Webb fizera parte, quarenta-oito anos antes, de uma excursão à Groenlândia e Islândia em busca de algumas inscrições rúnicas que ele não foi capaz de encontrar; e enquanto lá próximo à costa da Groenlândia Ocidental tinham encontrado uma tribo singular ou um culto degenerado de esquimós, cuja religião, uma curiosa forma de adoração ao demônio, gelou sua alma com sua deliberada sede de sangue e sua repulsividade. Era uma crença de que os outros esquimós pouco tinham conhecimento, e que mencionavam-na com certa aflição, dizendo que aquilo tinha sido herdado de eternidades horrivelmente arcaicas, antes mesmo de o mundo ter sido feito. Além de ritos sem nome e sacrifícios humanos havia estranhas cerimônias hereditárias voltadas a um supremo ancião demoníaco ou *tornasuk*; e, disto, Professor Webb tirou uma cópia fonética cuidadosa de um antiqüíssimo *angedkok* ou clérigo, expressando os sons em letras romanas o melhor que podia. Nesse ponto, era importantíssimo o fetiche que esta seita tinha adorado, e ao redor do qual os idólatras dançavam quando a aurora saltava alto acima dos penhascos de gelo. Era, declarou o professor, um detalhe de pedra em baixo-relevo, bastante cru, incluindo uma imagem medonha e algumas escrituras codificadas. E tanto quanto ele pôde contar, havia um áspero paralelo, em seus aspectos essenciais, entre aquilo e a coisa bestial que agora estava diante dele na reunião.

Esse dado, recebido com suspense e surpresa pelos membros reunidos, provou ser o caso duplamente excitante ao Inspetor Legrasse; e ele começou imediatamente a questionar seu informante com mais afinco. Tendo anotado e copiado um ritual oral entre os fiéis da seita do pântano que seus homens tinham prendido, ele suplicou ao professor que se lembrasse o melhor possível quais as sílabas tiradas dos esquimós satanistas. Então o que se seguiu foi uma exaustiva comparação de detalhes, e um momento de verdadeiro silêncio

taciturno quando tanto o detetive quanto o cientista concordaram a respeito da identidade virtual da frase comum a dois rituais infernais separados por muitos mundos de distância. Que, em substância, os feiticeiros esquimós como os sacerdotes do pântano da Louisiana tinham recitado aos seus ídolos afins algo como: tendo as divisões em palavras sido conjeturadas a partir das pausas tradicionais na frase conforme ela foi recitada em voz alta:

“ Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”

Legrasse tinha uma vantagem em relação ao Professor Webb, como teria estado por muito tempo entre seus prisioneiros mestiços, eles haviam repetido para ele o que os antigos celebrantes lhes disseram que as palavras significavam. Este texto, de acordo com o que foi dado, discorria mais ou menos assim:

“Na casa dele em R’lyeh repousa em sonhos o Cthulhu adormecido.”

E agora, em resposta a uma demanda geral e urgente, o Inspetor Legrasse relatou, tão completamente quanto possível, sua experiência com os adoradores do pântano; contando uma história para a qual, eu pude perceber, meu tio atribuiu profunda significação. Ela tinha o aroma dos sonhos mais selvagens de construtores de mitos e teósofos; e revelava um grau surpreendente de imaginação cósmica entre miscigenados¹⁴ e párias como aqueles muito maior do que se poderia esperar.

Em 1º de novembro de 1907, um chamado nervoso levou a polícia de Nova Orleans à região ao sul do pântano e da laguna. Os grileiros que lá havia, a maioria primitivos mas descendentes diretos dos homens de Lafitte¹⁵, estavam sob domínio do mais puro terror em

¹⁴ No original, “half-castes”. A tradução optou pelo termo “miscigenado” para diferenciar de “mestiço”, cujo original é apresentado como “mongrel” (ingl.). [N.T.]

¹⁵ A menção provavelmente é a Jean Lafitte (1780-1826), “corsário e contrabandista da Louisiana que ajudou os exércitos americanos na Batalha de Nova Orleans no fim da Guerra de 1812. Por volta de 1810, ele e seus homens se estabeleceram na Baía de Baratária, próxima a Nova Orleans, e saquearam navios espanhóis no Golfo do México. Em 1814, os britânicos tentaram comprar o apoio de Lafitte. Ao invés disso, ele passou seus planos para os americanos e ajudou Andrew Jackson a defender a cidade em janeiro de 1815. Mais tarde, voltou à atividade como corsário.” (V. biografia de Lafitte no site *History of New Orleans and surrounding area*. The pirate Jean Lafitte. EEUU, 2002. Disponível em: <<http://www.gatewayno.com/history/Lafitte.html>>. Aceso em 23 jan 2006.) Outras fontes indicam ainda a menção ao Marquês de La Fayette (1757-1834), “líder militar político francês, [que] lutou no bando dos

vista de uma coisa desconhecida que havia se aproximado furtivamente deles à noite. Era um vodu, aparentemente, mas o tipo de vodu mais terrível de que alguém já teve notícia; e algumas das suas mulheres e crianças haviam desaparecido, desde que o malévolo tantã começara seu batuque incessante bem longe, dentro da floresta mal-assombrada onde nenhum homem jamais se aventurou. Havia berros insanos e gritos horripilantes, cantos que davam calafrios e danças diabólicas à luz das chamas; e, o mensageiro assustado completou, as pessoas não podiam aguentar mais aquilo.

Então, um corpo de vinte policiais, lotando duas carruagens e um automóvel, partiu no fim da tarde com o grileiro assustado como guia. Ao término da estrada pavimentada eles desceram, e por milhas chafurdaram no silêncio entre os terríveis bosques de ciprestes onde o dia jamais alcançou. Feias raízes e retorcidos malignos de musgo espanhol¹⁶ os atacaram, e, de vez em quando, uma pilha de pedras úmidas ou um fragmento de uma parede apodrecida, impressão reforçada por sua insinuação de habitação mórbida, uma atmosfera criada pelo conjunto de cada árvore malformada e cada ilhota de fungos. Por fim, o acampamento dos grileiros, um ajuntamento miserável de choças, uma visão nauseante; e moradores histéricos correram para se juntar ao grupo de lampiões baloiçantes. A pulsação abafada de tantãs¹⁷ era agora debilmente audível lá longe, muito longe; e um grito agudo horripilante veio em raros intervalos quando o vento mudava. Um clarão avermelhado também parecia se infiltrar através da pálida vegetação rasteira para além das avenidas infinitas da floresta à noite. Relutantes em serem deixados novamente sozinhos, cada um dos intimidados grileiros recusou de pronto avançar outra polegada em direção à cena de adoração profana, então o Inspetor Legrassé e os seus dezenove colegas mergulharam às cegas em escuras galerias de horror em que nenhum deles jamais havia pisado.

A região agora invadida pela polícia era de reputação tradicionalmente má, substancialmente, desconhecida e jamais atravessada por homens brancos. Havia lendas de um lago oculto nunca vislumbrado por olhos mortais, no qual habitava uma imensa, disforme coisa branca poliposa com olhos luminosos; e os posseiros cochichavam sobre

rebeldes das colônias durante a guerra da Independência Americana.” (V. LOVECRAFT. *O horror em Red Hook*. Trad. de Celso M. Paciornik. Iluminuras, 2000.) [N.T.]

¹⁶ Erva usada para feitiços de proteção. O musgo espanhol é uma epífita, i.e. uma planta que cresce sobre outra planta como suporte mecânico, mas não é parasítica. Além do musgo espanhol, a baunilha também pode ser considerada uma epífita. [N.T.]

¹⁷ No original, “tantans”. [N.T.]

demônios com asas de morcego voando de um lado a outro, fora das cavernas, adentrando o solo, para venerá-la à meia-noite. Eles disseram que a coisa estivera lá desde antes de d'Iberville¹⁸, antes de La Salle¹⁹, antes dos índios, e antes mesmo de algumas feras e pássaros dos bosques. Era um enorme pesadelo, e vê-la significava morrer. Mas ela fazia os homens sonharem, e então eles sabiam demais para irem embora. A tal orgia de feitiçaria era, na verdade, na mais simplória orla desta área abominável, mas aquela locação era ruim o suficiente; por esse motivo só o lugar do culto já assustava os posseiros, mais que os sons chocantes e os próprios incidentes.

Só a poesia ou a loucura poderiam fazer jus aos ruídos ouvidos pelos homens de Legrasse à medida que eles abriam caminho pelo lamaceiro negro em direção à rubra clareira e ao som abafado dos tantãs. Há timbres vocais peculiares aos homens, e timbres vocais peculiares às bestas; e é terrível ouvir um quando a origem deveria ser o outro. Nesse ponto, a fúria animal e a promiscuidade orgiástica atingiam alturas demoníacas com uivos e gritos de prazer que rasgavam e reverberavam naquela floresta sombria, como tempestades pestilenciais dos golfos do inferno. Uma vez ou outra o ulular caótico cessava e, do que parecia um bem-ensaiado coral de vozes roucas, se erguia em um canto melopéico aquela frase ou ritual hediondo:

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”

Então os homens, tendo alcançado um claro onde as árvores eram mais finas, subitamente avistaram o espetáculo com os seus próprios olhos. Quatro deles se sentiram mal, um desfaleceu, e dois caíram em um pranto desesperado com a cacofonia ensandecida

¹⁸ “Formalmente conhecido como Sieur D’Iberville [...], Pierre le Moyne foi um explorador franco-canadense, oficial naval, e fundador da província da Lousiana. Ele nasceu em Montreal, Canada, e serviu à marinha francesa por 10 anos. Durante o período entre 1686 e 1697 ele invadiu postos de comércio de peles ingleses na Baía do Hudson em uma tentativa de expulsá-los e ter o Canadá para os franceses. Em 1698, Iberville saiu da França para estabelecer uma colônia próxima à foz do Rio Mississippi. Tentativas anteriores de realizar a mesma façanha haviam acabado em fracasso; a mais notável delas promovida por La Salle em 1684.” (V. verbete sobre D’Iberville no *Everything*². Findings@Everything2.com. EEUU, 2006. Disponível em: <<http://everything2.org/>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

¹⁹ René Robert Cavelier, formalmente conhecido como Sieur de La Salle (1643-1687), explorador francês que chegou à região dos Grandes Lagos, ao Rio Mississippi e ao Golfo do México, reivindicando “toda a bacia hidrográfica do Mississippi para a coroa francesa.” (V. verbete sobre La Salle na *Wikipedia*. Wikipedia.pt. EEUU, 2005. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

da orgia, que felizmente atenuou. Legrassse jogou água do pântano na face do homem desfalecido, e todos ficaram de pé, tremendo e praticamente hipnotizados de horror.

Em um descampado natural do pântano havia uma ilhota coberta de relva de talvez um acre de extensão, livre de árvores e toleravelmente seca. Sobre ela, nesse momento, saltava e serpenteava a mais indescritível horda de anormalidade humana que somente um Sime²⁰ ou um Angarola²¹ poderia retratar. Destituídos de roupa, esta prole híbrida zurrava, bramindo e contorcendo-se ao redor de uma monstruosa fogueira anelar; no centro da qual, revelado por ocasionais brechas na cortina de chamas, estava um enorme monolito de granito de bons oito pés de altura; no topo do qual, incongruente por sua forma diminuta, repousava a pérfida estatueta talhada. De um amplo círculo de dez cadafalsos dispostos em intervalos regulares, em cujo centro pendia o flamejante monolito, estavam, de cabeça para baixo, os corpos estranhamente mutilados dos indefesos grileiros que haviam desaparecido. Era no interior deste círculo que o anel de adoradores pulava e urrava, o sentido do movimento da multidão indo da esquerda para a direita em um bacanal sem fim entre o anel de corpos e o anel de fogo.

Pode ter sido apenas imaginação e podem ter sido apenas ecos que induziram um dos homens, um irrequieto espanhol²², a fantasiar que havia ouvido respostas antifônicas ao ritual, de algum longínquo e sombrio ponto no interior da terrível e fabulosa floresta. Este homem, Joseph D. Galvez, eu encontrei posteriormente e o interroguei; e ele se mostrou perturbadamente imaginativo. Na verdade, foi até longe demais como quando mencionou um fraco farfalhar de grandes asas, e o relancear de olhos brilhantes e um montanhoso vulto branco além da árvore mais remota mas eu tenho a impressão de que ele andou ouvindo muita superstição nativa.

²⁰ Sidney Herbert Sime (1867-1941), ilustrador, famoso por sua parceria com o poeta e dramaturgo Lord Dunsany. Celebrado em seu tempo como “o mais imaginativo artista desde William Blake”, sua arte se assemelha em certos aspectos ao “simbolismo visionário de seu contemporâneo, George Frederick Watts.” (V. verbete sobre Sime em *Art Renewal Center (ARC)*. Museum EEUU, 2004. Disponível em: <<http://artrenewal.org/>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

²¹ Anthony Angarola (1893-1929), pintor norte-americano descendente de imigrantes da Itália. “Grande parte de seu trabalho enfocava sua compaixão por pessoas que lutavam para adotar uma cultura estranha.” (V. verbete sobre Angarola em *Ask Art: the American artists bluebook*. EEUU, 2006. Disponível em: <www.askart.com/askart/>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

²² No original, “Spaniard” (ingl.): espanhol. A tradução optou por manter o sentido primário e não diferenciar o termo de “Spanish” (ingl.), cuja tradução é idêntica. [N.T.]

De fato, a pausa horrorizada dos homens foi relativamente de breve duração. O dever vem sempre primeiro; e embora devesse haver aproximadamente uma centena de mestiços celebrantes na aglomeração, a polícia confiou em suas armas de fogo e arremeteu determinadamente contra a asquerosa turba. Por cinco minutos o caos e o alarido resultantes foram indescritíveis. Golpes ferozes foram desferidos, projéteis foram atirados, e esquivas foram bem-sucedidas; mas no fim Legrassé podia contar cerca de quarenta e sete soturnos prisioneiros, os quais ele obrigou a vestirem-se com urgência e fazerem fila entre dois cordões de policiais. Cinco dos adoradores morreram, e dois gravemente feridos foram levados em macas improvisadas por seus colegas-prisioneiros²³. A imagem do monólito, obviamente, foi cuidadosamente removida e carregada por Legrassé.

Examinados no quartel-general depois de uma intensa jornada de esforço e fadiga, os prisioneiros todos provaram-se homens modestos, miscigenados, e de mentalidade aberrante. A maioria era de marinheiros, mas havia alguns gatos pingados que eram negros e mulatos, um grande número de índios ou portugueses criolos das Ilhas Cabo Verde, que davam um colorido de voduísmo ao culto. Mas antes que muitas perguntas fossem feitas, ficou claro que algo mais profundo e arcaico que fetichismo negro estava envolvido. Degradados e ignorantes como eram, as criaturas mantiveram com surpreendente consistência a idéia central de sua abominável fé.

Eles adoravam, assim disseram, os Grandes Ancestrais²⁴ que viveram eras antes de existir qualquer homem, e que vieram ao novo mundo descidos do céu. Aqueles Ancestrais haviam ido agora, por dentro da terra e debaixo do mar; mas seus corpos mortos contaram seus segredos em sonhos aos primeiros homens, que então criaram um culto que nunca morreu. Este era o tal culto, e os prisioneiros disseram que ele sempre existira e sempre existiria, oculto em ermos distantes e lugares sombrios ao redor do mundo até o momento em que o grande padre Cthulhu, de sua casa sombria na pujante cidade de R'lyeh debaixo das águas, se ergueria e teria a terra novamente sob seu domínio. Algum dia ele atenderia ao chamado, quando as estrelas estivessem prontas, e o culto secreto estaria sempre esperando para libertá-lo.

²³ No original, "fellow-prisoners". [N.T.]

²⁴ No original, "the Great Old Ones" (ingl.): "os Grandes Velhos". A tradução optou pela expressão "Grandes Ancestrais" para transmitir a idéia de algo remoto. [N.T.]

Nesse instante nada mas podia ser dito. Havia um segredo que mesmo a tortura não podia extrair. A humanidade não estava absolutamente só entre as coisas conscientes da terra, de modo que formas vinham da escuridão para visitar os poucos crédulos. Mas essas não eram os Grandes Ancestrais. Nenhum homem jamais vira os Ancestrais. O ídolo talhado era o grande Cthulhu, mas ninguém podia arriscar se os outros eram ou não precisamente iguais a ele. Ninguém podia ler a velha escritura agora, mas as coisas eram ditas de viva voz²⁵. O ritual entoado não era o segredo – isto jamais era dito em voz alta, apenas sussurrado. O canto significava apenas isso: “Em sua casa em R’lyeh o adormecido Cthulhu espera sonhando.”

Somente dois dos prisioneiros foram considerados sãos o suficiente para serem enforcados, e o resto foi confiado à várias instituições. Todos negaram tomar parte nos assassinios ritualísticos, e asseveraram que a matança havia sido realizada pelos Alados Negros que os alcançaram de seu ponto de encontro imemorial na floresta assombrada. Mas desses misteriosos aliados nenhum relato coerente pôde ser obtido. O que a polícia realmente extraiu veio sobretudo de um mestiço imensamente envelhecido chamado Castro, que se gabava de ter navegado para portos estranhos e conversado com líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro lembrou algumas lendas medonhas que empalideceriam as especulações dos teósofos e fariam o homem e o mundo parecerem algo recente e passageiro. Fazia milênios que outras Coisas dominaram a terra, e Elas tiveram grandes cidades. Reminiscências dElas, ele disse que os imortais chineses o haviam contado, ainda podiam ser encontradas nas pedras ciclópicas nas ilhas do Pacífico. Elas morreram todas vastas eras antes do homem chegar, mas havia algumas artes que podia revivê-Las quando as estrelas tiverem retornado às posições corretas no círculo da eternidade. Elas, na verdade, vieram sós das estrelas, e trouxeram Consigo imagens Suas.

Esses Grandes Ancestrais, Castro continuou, não eram feitos de carne e osso. Eles tinham forma – ou essa imagem das estrelas não havia provado isso? – mas tal forma não tinha substância. Quando as estrelas estivessem corretamente posicionadas, Eles podiam saltar de mundo em mundo através do céu; mas quando as estrelas estavam fora de sua posição, Eles não podiam viver. Ainda que quando não estivessem vivos, eles jamais

²⁵ No original, “by word of mouth” (ingl.). [N.T.]

realmente morressem. Todos Eles repousavam em casas de pedra em Sua grande cidade de R'lyeh, preservada pela magia do poderoso Cthulhu para uma gloriosa ressurreição quando as estrelas e a terra estivessem uma vez mas prontas para Eles. Mas nesse momento alguma força externa deveria servir para libertar Seus corpos. A magia que preservou Os intactos igualmente Os impedia o movimento inicial, e Eles podiam apenas despertar na escuridão e pensar, enquanto incontáveis milhões de anos se passavam. Eles sabiam tudo o que ocorria no universo, pois Seu modo de falar era por transmissão de pensamento. Mesmo agora Eles conversavam em Suas tumbas. Quando, depois de infinidades de caos, o primeiro homem surgiu, os Grandes Ancestrais falaram aos sensitivos entre eles modelando seus sonhos; pois somente assim podia a Sua linguagem alcançar as mentes primitivas dos mamíferos.

Então, sussurrou Castro, aqueles primeiros homens criaram o culto ao redor dos altos ídolos que os Grandes os apresentaram; ídolos trazidos em épocas obscuras de estrelas sombrias. Aquele culto nunca morreria até que as estrelas se alinhassem novamente, e os sacerdotes secretos trouxessem o grande Cthulhu de Sua tumba para reassumir Seus lugar e retomar Seu domínio da terra. O momento seria facilmente reconhecido, pois a humanidade teria se tornado como os Grandes Ancestrais; livre e feroz e além do bem e do mal, com leis e morais jogados de lado e todos os homens gritando e matando e festejando em júbilo. Então os Ancestrais libertos ensinariam a eles novos modos de gritar e matar e festejar e rejubilar-se, e toda a terra se incendiaria com um holocausto de êxtase e liberdade. Enquanto isso, o culto, por meio dos ritos apropriados, deveria manter viva a memória desses antigos modos, vigiando e transmitindo a profecia de seu retorno.

No tempo dos anciões, os homens escolhidos falaram com os Ancestrais sepultados em sonhos, mas algo então aconteceu. A grande cidade de pedra R'lyeh, com seus monolitos e sepulcros, afundou em meio às ondas; e as águas profundas, cheias do mistério primordial através do qual nem mesmo o pensamento pode perpassar, fizeram cortar as comunicações espectrais. Mas a memória nunca morreu, e os sumo sacerdotes diziam que a cidade se ergueria novamente quando as estrelas estivessem alinhadas. Então saíram da terra os espíritos negros de terra, sombrios e decadentes, e cheios de boatos obtusos esconderam-se em cavernas no esquecido do fundo-do-mar. Mas, deles, o velho Castro não ousava falar muito. Ele se calou rapidamente, e nenhuma persuasão ou sutileza pôde extrair mais sobre o assunto. O tamanho dos Ancestrais, também, ele curiosamente se recusou a

mencionar. Do culto, ele disse que achava que seu centro estivesse próximo ao incognoscível²⁶ deserto da Arábia, onde Irem, a Cidade de Pilares, sonha oculta e intata. Ele não estava alinhado com o culto às bruxas europeu, e era virtualmente desconhecido entre seus membros. Nenhum livro jamais aludiu a ele, contudo os chineses imortais disseram que havia duplos sentidos no Necronomicon do louco árabe Abdul Alhazred, os quais o iniciado poderia ler como eles apontaram, particularmente o muito-discutido²⁷ dístico:

*Não são os mortos que podem deitar eternamente,
E com eternidades estranhas mesmo a morte a morte sente.*

Legrasse, profundamente impressionado e nem um pouco desnordeado, inquireu em vão a respeito das afiliações históricas do culto. Castro, aparentemente, tinha contado a verdade quando dissera que a coisa era hermeticamente secreta. As autoridades na Universidade de Tulane não puderam lançar luz sobre o culto ou a imagem, e agora o detetive apelava às mais eminentes autoridades no país e se deparava com nada menos que a estória da Groenlândia do Professor Webb.

O interesse febril despertado à defrontação com a estória de Legrasse, corroborado que foi pela estatueta, encontra eco na subsequente correspondência daqueles que assistiram; embora sejam escassas as menções nas publicações formais da sociedade. Precaução é o primeiro ao cuidado daqueles acostumados a enfrentar ocasionais charlatanices e imposturas. Legrasse, por algum tempo, emprestou a imagem ao Professor Webb, mas à morte do último ela fora devolvida a ele e permanece em sua posse, onde eu a vi não faz muito tempo. É verdadeiramente uma coisa terrível, e inequivocamente semelhante à escultura onírica²⁸ do jovem Wilcox.

Que meu tio tivesse se excitado com a estória do escultor eu não me admirei, pois que idéias poderiam sobrevir, depois de tomar conhecimento do que Legrasse tinha aprendido sobre o culto, ao ouvir um jovem sensitivo que houvera sonhado não só com a figura e os

²⁶ No original, “pathless” (ingl.): “sem rumo”, traduzido como “o lugar a que não se chega, para o qual não se encontra caminho etc.” [N.T.]

²⁷ No original, “much-discussed” (ingl.). A tradução optou pela permanência do adjetivo composto. [N.T.]

²⁸ No original, “dream-sculpture”. Nesse caso em particular, dada a reincidência da formação de substantivos compostos com o prefixo *dream-* (ingl.) [N.T.]

hieróglifos exatos da imagem encontrada no pântano e a tábua do demônio da Groenlândia, mas entrou em seus sonhos a partir de pelo menos três das palavras exatas da fórmula pronunciadas de modo similar por esquimós satanistas e mestiços da Louisiana? O início imediato de uma investigação sobre o limite da perfeição empreendida pelo Professor Angell era insinuosamente natural; embora reservadamente eu suspeitasse que o jovem Wilcox tivesse ouvido falar do culto de modo indireto, e tivesse inventado uma série de sonhos para exaltar e conservar o mistério às custas de meu tio. As narrativas-oníricas e recortes colecionados pelo professor eram, logicamente, uma forte evidência; mas o racionalismo de minha mente e a extravagância de todo o tema me fizeram adotar o que eu entendi como as mais sensatas conclusões. Assim, depois de estudar o manuscrito inteiramente mais uma vez e correlacionando as notas teosóficas e antropológicas com a narrativa do culto de Legrasse, eu fiz uma viagem a Providência com o objetivo de ver o escultor e lhe repreender o quanto achei necessário por tamanho atrevimento diante de um homem conhecido e idoso.

Wilcox ainda vivia só no Edifício Fleur-de-Lys na Rua Thomas²⁹, uma horrenda imitação vitoriana da arquitetura bretã do século dezessete, que ostenta seu frontão de taipa em meio às amáveis casas coloniais na colina antiga, e debaixo da mesma sombra que o mais belo campanário georgiano na América, eu o achei trabalhando em seus aposentos, e imediatamente me convenci pelos espécimes espalhados de que sua genialidade é realmente profunda e autêntica. Mais cedo ou mais tarde, eu acredito, ele será lembrado como um dos grande decadentes; pois ele cristalizou em barro e algum dia o espelhará em mármore, os pesadelos e fantasias que Arthur Machen³⁰ evoca em prosa, e Clark Ashton Smith³¹ torna visíveis em verso e na pintura.

²⁹ O edifício Fleur-de-Lys, localizado na Rua Thomas nº7, em Providence, Rhode Island, cidade natal de H. P. Lovecraft, de fato existe, e abriga hoje um dos estúdios do Providence Art Club. Construído em 1885 pelo renomado artista Sydney Burleigh e pelo arquiteto Edmund Wilson, o prédio é mantido sob preservação pelo Providence Preservation Society Revolving Fund (PPSRF). O Providence Art Club foi fundado em 1880 “com o objetivo de estimular a apreciação da arte na comunidade. Localizado na Rua Thomas, à sombra da Primeira Igreja Baptista, o clube é uma pitoresca seqüência de prédios históricos, que abrigam estúdios, galerias e a sua sede.” (V. notas sobre o Providence Art Club no site da própria instituição: *Providence Art Club*. Home. EEUU, 2004. Disponível em: <<http://www.providenceartclub.org>>. Acesso em 23 jan 2006. e V. também notas sobre o Providence Preservation Society Revolving Fund e o Edifício Fleur-de-Lys no site do PPSRF: *Providence Preservation Society Revolving Fund*. Recent projects. EEUU, s.d. Disponível em: <<http://www.ppsrf.org>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

³⁰ Arthur Machen (1863-1947), “proeminente autor galês da década de 1890. É bem reconhecido por influenciar os gêneros sobrenatural, de fantasia e ficção de horror. É também famoso pelo importante papel na

Escuro, frágil, e de aspecto um pouco desleixado, ele virou-se languidamente à minha batida e me perguntou qual era o meu negócio sem sequer se exaltar. Então eu lhe falei quem eu era, ele mostrou algum interesse; pois meu tio instigou sua curiosidade em investigar os tais estranhos sonhos, contudo nunca houvesse explicado a razão do estudo. Neste particular, eu não expandi seu conhecimento, mas busquei com alguma sutileza tirá-lo da jogada. Em pouco tempo eu fiquei convencido de sua sinceridade absoluta, porque ele falou dos sonhos de um modo que ninguém jamais poderia. Eles e os seus resíduos subconscientes tinham influenciado a arte dele profundamente, e ele me mostrou uma estátua mórbida cujos contornos quase me fizeram estremecer com a potência de sua maléfica vibração. Ele não pôde recordar se havia ou não visto o original desta coisa exceto em seu próprio baixo-relevo onírico, mas os esboços tomaram forma insensivelmente em suas mãos. Era, sem dúvida, a forma gigante com que ele havia delirado. Que ele realmente não sabia nada do culto secreto, salvo sobre o que o catecismo inexorável de meu tio tinha deixado pistas, ele logo tornou claro; e novamente eu me esforcei para pensar em algum modo no qual ele poderia ter possivelmente recebido as misteriosas impressões.

Ele falou de seus sonhos em uma maneira curiosamente poética; me fazendo ver com terrível vivacidade o desalento da cidade ciclópica de pedra verde enlodada - cuja geometria, ele estranhamente falou, estava toda errada - e ouvir com temeroso receio o insistente e quase mental chamado dos subterrâneos: “Cthulhu, fhtagn”, “Cthulhu, fhtagn”.

Estas palavras formavam parte daquele ritual assustador que falava da vigília-onírica do Cthulhu adormecido em sua vala de pedra em R'lyeh, e eu me senti profundamente tocado apesar de minhas convicções racionais. Wilcox, eu tenho certeza, havia ouvido falar do culto de modo casual, e tinha então esquecido-o rapidamente em meio à massa de leituras e pensamentos igualmente esquisitos. Depois, puramente em virtude de sua impressionabilidade, as lembranças acharam expressão subconsciente em sonhos, no baixo-relevo, e na estátua terrível que eu agora observava; de forma que sua impostura sobre meu tio tinha sido muito inocente. O jovem era de um tipo, ligeiramente afetado e ligeiramente

criação do mito dos Anjos de Mons.” (V. verbete sobre Arthur Machen na *Wikipedia*. Wikipedia.pt. EEUU, 2006. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

³¹ Clark Ashton Smith (1893-1961), “poeta, escultor, pintor e autor de contos de fantasia, horror e ficção científica. É por essas histórias, e pela sua amizade literária com H. P. Lovecraft de 1922 até a morte desde último em 1937, que é ainda hoje bastante reverenciado.” (V. verbete sobre Clark Ashton Smith na *Wikipedia*. Wikipedia.org. EEUU, 2006. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

rude ao mesmo tempo, o qual eu nunca poderia gostar, mas eu estava agora inclinado o suficiente a admitir seu gênio e sua honestidade. Eu me despedi amigavelmente, e lhe desejei todo o sucesso que o seu talento prometia.

O assunto do culto ainda continuou a me fascinar, e às vezes eu tinha visões de sucesso e fama pessoal pelas pesquisas sobre sua origem possíveis conexões. Eu visitei Nova Orleans, conversei com Legrasse e outros daquele grupo antigo da batida, vi a imagem medonha, e até mesmo questioneei alguns dos mestiços prisioneiros ainda vivos. O velho Castro, infelizmente, morrera há alguns anos. O que eu ouvi agora tão graficamente em primeira mão, embora realmente não fosse mais do que uma confirmação detalhada do que meu tio escrevera, me excitou mais uma vez; porque eu tinha certeza de que eu estava no rasto de uma muito real, muito secreta, e muito antiga religião cuja descoberta me faria um antropólogo ilustre. Minha atitude seguia sendo de materialismo absoluto, como eu desejava que fosse ainda hoje, e eu desconsidereei com perversidade quase inexplicável a coincidência das notas oníricas e estranhos recortes coletados pelo Professor Angell.

Uma coisa que eu comecei a suspeitar, e que agora eu temo saber, é que a morte de meu tio estava longe de ter sido natural. Ele caiu em uma rua de colina estreita que conduzia a uma antiga zona portuária enxameada por mestiços estrangeiros, depois de um empurrão descuidado de um marinheiro negro. Eu jamais esqueci o sangue misturado e a perseguição marítima dos membros do culto na Louisiana, e não iria me surpreender em aprender sobre métodos secretos e ritos e crenças. Legrasse e os seus homens, é verdade, foram deixados sós; mas na Noruega um certo lobo-do-mar que via coisas está morto. Poderiam as investigações mais aprofundadas de meu tio depois de encontrar os dados do escultor ter chegado a ouvidos sinistros? Acho que o Professor Angell morreu porque sabia demais, ou porque era provável que ele tivesse aprendido muito. Se eu partirei como ele, isso ainda não está claro, porque eu também sei bastante.

III. A LOUCURA DO MAR

Se o céu alguma vez já desejar conceder-me uma dádiva, será a destruição total dos resultados de um mero relancear que fixou meu olho em uma certa folha de papel que

ferrava uma prateleira da estante. Não era nada a que eu naturalmente teria me prendido no curso de minha rotina diária, porque era um velho número de um periódico australiano, o Boletim de Sydney, de 18 de abril de 1925. Ele tinha escapado até mesmo à agência de recortes que, à época de sua publicação, coletava avidamente material para a pesquisa de meu tio.

Eu já havia cessado minhas investigações acerca do que o Professor Angell denominou de “Culto a Cthulhu”, e estava visitando um amigo instruído em Paterson, Nova Jersey; o curador de um museu local e um mineralogista notável. Certo dia, examinando os espécimes reservados rudemente dispostos nas estantes do depósito em uma sala nos fundos do museu, meu olho se deteu sobre uma estranha gravura em um dos velhos documentos espalhados em baixo das pedras. Era o Boletim de Sydney que eu há pouco mencionei, pois meu amigo tinha vastos contatos por todo o estrangeiro; e a gravura era um recorte em meio-tom da imagem de uma pedra horrenda quase idêntica àquela que Legrasse havia achado no pântano.

Limpei ansiosamente a área de seus preciosos conteúdos, esquadrinhei a folha em minúcias; e fiquei desapontado por achar seu tamanho apenas moderado. O que sugeria a peça, no entanto, era de extrema relevância para minha busca pessoal; e eu cuidadosamente rasguei a folha para uma ação imediata. Lia-se o seguinte:

MISTERIOSO NAVIO ABANDONADO ENCONTRADO EM ALTO-MAR

Vigilante chega com iate da Nova Zelândia armado e abandonado a reboque. Um sobrevivente e um morto foram encontrados a bordo. Uma estória de uma batalha desesperada e mortes em alto-mar. Lobo-do-mar resgatado se recusa a narrar a estranha experiência. Ídolo singular encontrado sob sua posse. Inquérito a ser aberto.

O cargueiro Vigilante da Morrison Co., com destino a Valparaiso, chegou esta manhã ao cais em Darling Harbour, levando a reboque o combalido e desativado mas pesadamente armado iate a vapor Alerta de Dunedin, N.Z., que

fora avistado em 12 de abril à latitude S.34°21', longitude W.152°17', com um homem vivo e um morto a bordo.

O Vigilante deixou Valparaíso no dia 25 de março, e em 2 de abril foi obrigado a mudar consideravelmente seu curso por conta das tempestades excepcionalmente intensas e ondas-monstro. Em 12 de abril o navio abandonado foi avistado; e embora parecesse deserto, descobriu-se depois de abordado que continha um sobrevivente em uma condição semi-delirante e um homem que evidentemente estivera morto por mais de uma semana. O vivo agarrava-se a horrível ídolo de pedra de origem desconhecida, de cerca de um pé de altura, cuja natureza autoridades da Universidade de Sydney, da Royal Society, e do Museu de College Street todas professaram completo estarrecimento, e que o sobrevivente diz ter encontrado na cabine do iate, em um pequeno relicário entalhado em padrões comuns.

Este homem, depois de recuperar seus sentidos, contou uma história sumamente estranha de pirataria e carnificina. Ele é Gustaf Johansen, um norueguês de inteligência mediana, e fora o segundo imediato da escuna de dois mastros Emma de Auckland que velejava para Callao desde 20 de fevereiro com uma guarnição de onze homens. O Emma, ele diz, estava atrasado e fora arremetido largamente para o sul de seu curso pela grande tempestade de 1° de março, e em 22 de março, na latitude S.49°51' longitude W.128°34', encontrou o Alerta, manejado por uma suspeita e malfazeja tripulação de canacas e miscigenados. Ordenado peremptoriamente a recuar, o Cap. Collins recusou-se a obedecer; ao que a estranha tripulação começou a atirar selvagem e inadvertidamente na escuna com um bateria de canhão de bronze peculiarmente pesada que fazia parte do equipamento do iate. Os homens do Emma não se desviaram da luta, diz o sobrevivente, e, embora a escuna começasse a afundar por causa dos tiros abaixo da linha-d'água eles trataram de suspendê-la lado a lado com o inimigo e abordá-lo, lutando corpo a corpo com a tripulação selvagem no deque do iate, e sendo forçados a matá-los, sendo o número ligeiramente superior, por causa de seu particularmente abominável e desesperado conquanto canhestro modo de lutar.

Três dos homens do Emma, incluindo aí o Cap. Collins e o primeiro imediato Green, foram mortos; e os oito remanescentes, sob o comando do segundo imediato Johansen tomaram o leme do iate capturado e continuaram em seu curso original, para ver se havia alguma razão em tê-los ordenado recuar. No dia seguinte, ao que tudo indica, eles ancoraram e desembarcaram em uma pequena ilha, embora não se conheça nenhuma ilha naquela parte do oceano; e seis dos homens de algum modo morreram em terra firme, conquanto Johansen se mantenha estranhamente reticente sobre esta parte de sua estória, e fale apenas de sua queda em um precipício. Em seguida, é o que parece, ele e um companheiro subiram a bordo do iate e tentaram manobrá-lo, mas foram vencidos pela tempestade de 2 de abril. Dali até o seu resgate, no dia 12, o homem se lembra de pouca coisa, e nem mesmo recorda quando William Briden, seu companheiro, morreu. A morte de Briden não revela nenhuma causa aparente, e provavelmente se deveu à tensão ou à exposição. Mensagens telegrafadas de Dunedin relatam que o Alerta era bem conhecido por lá como um mercador de ilhas, e sustentava uma péssima reputação frente à zona portuária. Ele fora adquirido por um excêntrico grupo de miscigenados cujas freqüentes reuniões e viagens noturnas para os bosques atraíam grande curiosidade; e havia zarpado com bastante pressa logo após a tempestade e os tremores de terra de 1º de Março. Nosso correspondente de Auckland atribui ao Emma e à sua tripulação uma excelente reputação, e Johansen é descrito como um homem sóbrio e digno. O almirantado pretende instituir um inquérito sobre todo o caso a partir de amanhã, quando todos os esforços serão dispendidos para induzir Johansen a falar mais livremente do que o fez até o momento.

Isto era tudo, afora a gravura com a cena demoníaca; mas que turbilhão de idéias despertou em minha mente! Aqui estavam novos e preciosos dados sobre o Culto a Cthulhu, e evidências de que ele tinha estranhos interesses no mar tanto quanto em terra. Que motivação teria levado a híbrida tripulação a ordenar que o Emma recuasse enquanto eles velejavam carregando seu horrendo ídolo? Qual seria a ilha desconhecida em que seis dos tripulantes do Emma teriam morrido, e sobre a qual o imediato Johansen se mantinha

tão reservado? O que teria a investigação do vice-almirantado trazido à tona, e o que se conhecia a respeito do maléfico ritual em Dunedin? E o mais fantástico de tudo, que encadeamento profundo e mais do que natural era esse que dera um maligno e agora inegável significado para aquela seqüência de eventos tão cuidadosamente registrada pelo meu tio?

No dia 1º de março - ou 28 de fevereiro, se considerássemos a Linha Internacional de Mudança de Data - vieram o terremoto e a tempestade. De Dunedin, o Alerta e sua asquerosa tripulação se arremessaram impetuosamente ao mar como se houvessem recebido uma intimação imperiosa, e do outro lado da terra poetas e artistas começaram a sonhar com uma estranha e úmida cidade ciclópica, ao passo que um jovem escultor moldava durante o sono a forma do pavoroso Cthulhu. Em 23 de março, a tripulação do Emma atracou em uma ilha desconhecida e deixou seis homens mortos; e na data em que os sonhos dos sensitivos assumia uma impressionante vivacidade e obscurecia com o pavor da busca maligna de um monstro gigante, ao passo que um arquiteto enlouquecera e um escultor subitamente deixou-se cair em delírio! E quanto à tempestade de 2 de abril - a data em que todos os sonhos com a úmida cidade cessaram, e Wilcox emergiu incólume do cativeiro de uma estranha febre? E quanto a tudo isso - e aos palpites do velho Castro sobre os Ancestrais submersos, nascidos-das-estrelas, e seu reinado próximo; seu culto fiel e seu domínio sobre os sonhos? Estava eu pisando em falso na beira de um abismo de horrores cósmicos que qualquer ser humano jamais suportaria? Se estava, eles deveriam ser os horrores da mente solitária, pois de algum modo, o dia dois de abril pôs fim a toda e qualquer ameaça monstruosa que estivesse tentando aprisionar a alma da humanidade.

Naquela noite, depois de um longo dia de apressados preparativos e tensas comunicações, eu disse adeu aos meus anfitriões e peguei um trem para São Francisco. Em menos de um mês eu estava em Dunedin; onde, porém, eu descobri que pouco se sabia acerca dos estranhos membros do culto que rondavam as velhas tabernas do porto. A escória das docas era ordinária demais para chamar a atenção; contudo havia uma vaga menção a uma certa viagem ao interior do país que aqueles mestiços teriam feito, durante a qual um tamborilar abafado e uma chama bem vermelha foram notados no alto de umas colinas distantes. Em Auckland, eu descobri que Johansen saíra de cabelos brancos, ao invés do loiro natural, após um interrogatório superficial e inconclusivo em Sydney, e

depois disso teria vendido sua cabana em West Street e velejado, junto com a mulher, para seu antigo lar, em Oslo. De sua traumatizante experiência, ele contaria aos amigos não mais do que confessou aos oficiais do almirantado, e tudo o que eles puderam fazer por mim foi dar-me o seu endereço em Oslo.

Em seguida, eu fui até Sydney e tentei em vão extrair alguma informação dos marujos e membros da corte do vice-almirantado. Vi o Alerta, agora vendido e em uso comercial, no Cais Circular na Baía de Sydney, mas não ganhei nada com sua majestosa indiferença. A figura agachada com sua cabeça de siba, corpo de dragão, asas escamosas, e pedestal repleto de hieróglifos estava preservada no Museu do Parque Hyde; e eu a estudei longa e detidamente, achando-a uma obra funesta de um artesão excêntrico, mas que possuía o mesmo mistério absoluto, o mesmo ar de uma terrível antigüidade, e a mesma sobrenatural estranheza de material que eu havia notado no espécime menor de Legrasse. Geólogos, o curador me contou, a tinham considerado um monstruoso quebra-cabeça; pois juravam que não havia no mundo uma rocha como aquela. Então eu pensei com certo estremecimento no que o Velho Castro contara a Legrasse a respeito dos Ancestrais; “Eles vieram das estrelas, e trouxeram as Suas imagens com eles.”

Abalado com uma revolução mental como eu nunca sentira outrora, estava agora decidido a visitar o Imediato Johansen em Oslo. Velejando para Londres, eu tornei a embarcar imediatamente para a capital norueguesa; e desembarquei num dia outonal em um cais acostável à sombra de Egeberg. O endereço de Johansen, eu descobri, ficava na Velha Cidade do Rei Harold Haardrada³², que mantivera vivo o nome de Oslo durante todos os séculos em que a maior cidade mascarou-se como “Christiana”. Fiz a curta viagem a táxi, e, com o coração palpitante, bati à porta de um edifício elegante e antigo com a fachada de argamassa. Uma mulher de cenho entristecido, vestida de preto, respondeu ao meu apelo, e eu fui picado pelo desapontamento quando a ouvi dizer em um inglês deficiente que Gustaf Johansen não estava mais entre nós.

³² “No início do século VI, no fiorde Vik, foi fundada a cidade de Oslo (atual capital da Noruega). Era uma cidadezinha agrícola, mais próxima de um vilarejo feudal do que de um burgos. No entanto, seu povo começou a exercer certa influência sobre os povos vizinhos e gradualmente os foi submetendo ao seu domínio, o que provocou no final do século VII e começo do VIII, a centralização da região sob o domínio de Oslo. Tanto que o fiorde Vik também é chamado de Oslo. [...] Depois da unificação da Noruega por Haraldo I, a capital do país deixou de ser Oslo, para passar a ser Trondheim, que era na época a principal cidade Norueguesa.” (V. informações sobre parte da História norueguesa na *Klepsidra: revista virtual de História*. Klepsidra2. Ano 5, nº 22. Brasil, 2004. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

Ele não sobreviveu muito tempo após retornar, disse sua esposa, pois as desventuras no mar em 1925 o exauriram. Ele havia contado a ela não mais do que contara ao público, mas havia deixado um longo manuscrito - acerca de “assuntos técnicos” como ele mesmo dissera - escrito em inglês, evidentemente para protegê-la do perigo de uma leitura casual. Durante um cansativo passeio até uma ruela próxima à doca de Gotemburgo³³, uma resma de papel, caindo da janela de um sótão, o acertou em cheio. Dois marinheiros indianos³⁴ imediatamente o ajudaram e puseram-no de pé, mas antes que a ambulância pudesse socorrê-lo ele estava morto. Os médicos não conseguiram descobrir qual a verdadeira causa da morte, e a creditaram a um problema do coração e a uma fraca constituição. Eu agora sentia minhas entranhas se corroerem com aquele terror sombrio que não me abandonaria até que eu, também, repousasse em paz; “acidentalmente” ou pelo contrário. Tendo persuadido a viúva de que minha conexão com os tais “assuntos técnicos” de seu marido era o suficiente me dar algum direito sobre o manuscrito, levei comigo o documento e comecei a lê-lo no barco para Londres. Era algo simples e divagante - o esforço de um ingênuo marinheiro em escrever um diário pós-datado³⁵ - e se empenhava em recordar dia a dia aquela última maldita viagem. Eu não tentaria transcrevê-lo textualmente³⁶ em toda a sua redundância e nebulosidade, mas eu contarei em essência o que dizia para dar a conhecer porque o som da água contra a lateral do navio se tornou tão insuportável para mim que tive que tapar meus ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não soube verdadeiramente de tudo, embora tivesse visto a cidade e a Coisa, mas eu nunca mais poderei dormir tranquilo enquanto estiver pensando nos horrores que espreitam incessantemente por trás da vida no tempo e no espaço, e daquelas profanas blasfêmias de estrelas anciãs que sonham debaixo do oceano, sabidas e

³³ Gotemburgo, cidade portuária sueca. “A área metropolitana da Grande Gotemburgo, somando-se algumas municipalidades vizinhas, tem aproximadamente 800 mil habitantes. A cidade-porto de Gotemburgo tem sozinha mais de 400 mil habitantes, e é a segunda mais populosa do país. [...] A subregião compreendida por Gotemburgo, Copenhague, Oslo e Malmö, que conta com cerca de 7 milhões de habitantes, é considerada a zona industrial mais importante da Escandinávia.” (V. informações sobre a geografia sueca no site do consulado chileno na cidade: *Consulado General de Chile Gotemburgo*. Gotemburgo. Suécia, 2004. Disponível em: <<http://home.swipnet.se/conchile>>. Acesso em 23 jan 2006.) [N.T.]

³⁴ No original, “Lascar sailors” (ingl.): “marinheiros da Índia ou da Índia Oriental”. [N.T.]

³⁵ No original, “post-facto” (ingl.): “feito ou construído após a ocorrência real”, “após o fato”. A tradução optou pelo sentido geral por questões estilísticas. [N.T.]

³⁶ No original, “verbatim” (lat.): “textualmente”, “literalmente”. [N.T.]

protegidas por um culto letárgico pronto e ansioso para liberá-las sobre o mundo assim que outro terremoto possa soerguer sua monstruosa cidade de pedra novamente ao sol e ao ar.

A viagem de Johansen começara exatamente como ele contou ao vice-almirantado. O Emma, em lastro, havia chegado em Auckland a 20 de fevereiro, e tinha sentido toda a força daquela tempestade sísmica que devia ter erguido do fundo-do-mar os horrores que ocupam os sonhos dos homens. Novamente sob controle, o barco estava avançando bem quando deparou com o Alerta em 22 de março, e eu pude sentir toda a tristeza do imediato enquanto escrevia sobre o seu bombardeio e conseqüente naufrágio. Dos fanáticos morenos do Alerta ele fala com

particular horror. Havia alguma qualidade pecuiliarmente abominável a respeito deles que fazia com que sua destruição parecesse quase um dever, e Johansen manifesta uma ingênua surpresa ao falar da acusação de impiedade levantada sobre os seus durante os procedimentos do inquérito judicial.

Então, levados adiante pela curiosidade acerca do iate capturado sob o comando de Johansen, os homens avistam um grande pilar de pedra surgindo fincado no mar, e na latitude S.47°9', longitude W.123°43', sobrevinha um costão que misturava lama, limo e alvenaria ciclópica coberta por algas³⁷, o qual era nada mais nada menos que a substância tangível do terror supremo da terra - a enfadonha cidade-cadáver de R'lyeh, construída em eras as mais remotas, há muito esquecidas pela história, formas repugnantes que se condensaram das estrelas mais sombrias. Lá jaziam o grande Cthulhu e suas hordas, ocultos por entre as valas verdes e viscosas e, afinal, grassando, após ciclos incalculáveis, os pensamentos que espalhavam medo pelos sonhos dos sensitivos e ordenavam imperiosamente aos fiéis que viessem em uma romaria de liberação e restauração. De tudo isso Johansen não suspeitava, mas Deus sabe que ele viu o bastante!

Eu suponho que, na verdade, apenas o cume da montanha, a horrenda cidadela coroada pelo monolito em que o grande Cthulhu havia sido enterrado, emergira das águas. Quando eu penso na extensão e no que poderia estar sendo gerado a partir dali eu quase desejo que tivesse me suicidado sem demora. Johansen e seus homens se assombraram com a cósmica majestade da encharcada Babilônia de demônios anciões, e devem ter adivinhado

³⁷ No original, "weed" (ingl.): "erva daninha". A opção pelo termo se deve exclusivamente à ambientação marítima proposta pelo autor. [N.T.]

sem muito esforço que aquilo não era desse ou de qualquer outro planeta são. O assombro com o inacreditável tamanho dos blocos de pedra esverdeados, a estonteante altura do grande monolito entalhado, e a estupefata semelhança das estátuas colossais e dos baixos-relevos com a esquisita imagem encontrada dentro do relicário no Alerta, é pungentemente visível em cada linha da descrição atemorizada do imediato.

Sem saber o que é futurismo, Johansen alcançou algo muito próximo disto ao falar sobre a cidade; pois ao invés de descrever qualquer estrutura definida ou edificação, ele se detém somente em vagas impressões de vastos ângulos e superfícies rochosas - superfícies muito grandes para pertencerem a algo próprio ou adequado a esta terra, e ímpias, com horríveis imagens e hieróglifos. Eu menciono sua descrição sobre ângulos porque lembra algo que Wilcox havia me contado quando falou de seus sonhos terríveis. Ele disse que a geometria do ambiente onírico que ele vira era anormal, não-Euclideana, e repugnantemente repleta de esferas e dimensões distintas das nossas. Agora um iletrado lobo-do-mar sentia a mesma coisa enquanto contemplava a terrível realidade.

Johansen e seus homens desembarcaram em um banco-de-areia um pouco inclinado nessa monstruosa Acrópole, e subiram às escorregadelas em blocos de lama titânicos que jamais poderiam ter sido construídos para servirem de degraus a mortais. O sol escaldante no céu parecia distorcido quando visto através do polarizador miasma, emanando da perversão encharcada de mar, e um sentimento ao mesmo tempo de ameaça e expectativa escondia-se de soslaio naqueles ângulos loucamente elusivos de rocha esculpida onde um segundo relancear mostraria concavidade depois de o primeiro aparentar convexidade.

Algo muito parecido com o pânico instalou-se nos exploradores antes que qualquer outra coisa mais definida que rocha e lama e algas pudesse ser vista. Todos teriam fugido se não temessem o escárnio dos outros, e foi apenas com indiferença que eles procuraram - em vão, como ficou provado - por algum souvenir algo portátil que pudessem levar dali.

Foi Rodriguez, o português, quem escalou até o sopé do monolito e gritou de o que ele tinha achado. Os demais o seguiram, e olhoram curiosos para a imensa porta entalhada com o agora familiar baixo-relevo com a lula-dragão³⁸. Era, disse Johansen, como a enorme

³⁸ No original, "squid-dragon" (ingl.). [N.T.]

porta de um estábulo; e todos eles só acharam que aquilo era uma porta por causa do lintel³⁹ ornado, da soleira, e dos umbrais ao redor, conquanto não fossem unânimes em responder se ela ficava deitada e achatada ou se estava inclinada como uma porta de acesso externo ao porão. Como Wilcox teria dito, a geometria do lugar estava toda errada. Não se podia ter certeza se o mar e o chão estavam na horizontal, portanto a posição relativa de todo o resto parecia fantasmagoricamente variável.

Briden empurrou a pedra em vários pontos diferentes sem resultado. Então Donovan examinou delicadamente as bordas, pressionando cada ponto separadamente conforme avançava. Ele escalou infinitamente a moldura grotesca de pedra - isto é, chamaria-se aquilo de escalar se a coisa não estivesse afinal deitada - e os homens se perguntaram como uma porta no universo podia ser tão portentoso. Então, muito suave e lentamente, o gigantesco⁴⁰ lintel⁴¹ começou a ceder desde o topo; e eles viram que era algo articulado.

Donovan deslizou ou de alguma maneira se impulsionou para baixo ou na direção do umbral e uniu-se novamente aos seus companheiros, e todos assistiram o estranho recuo do portal monstruosamente esculpido. Nesta fantasia de distorção prismática ele se movia irregularmente em um caminho diagonal, de forma que parecia contrariar todas as regras da matéria e da perspectiva.

A fresta era preta com uma escuridão quase material. Aquela tenebrosidade era, na verdade, uma qualidade positiva; porque ela obscurecia tais partes das muralhas internas que deveriam ter sido reveladas, e, com efeito, dispersadas como fumaça de seu cárcere perpétuo, visivelmente eclipsando o sol conforme se esquivava no céu retraído e corcunda em um agitar de asas membranosas. O odor que exalou das recém-abertas profundezas era intolerável, e por fim o ouvido de tuberculoso de Hawkins pensou ter escutado um sórdido, frouxo som lá debaixo. Todos ouviram, e todos estavam ouvindo atentos quando Ele desabou desajeitadamente e escorregou lânguido sua imensão verde gelatinosa desde o negro portal até o lado de fora, no ar contaminado daquela venenosa e ensandecida cidade. Os garranchos de Johansen quase se fizeram desistir quando ele escreveu sobre isto. Dos seis homens que nunca alcançaram o navio, ele acha que dois pereceram de puro susto

³⁹ No original, “lintel” (ingl. pelo fr. ant. *lintel*, do lat. *limitale*, relativo à porta de entrada): “verga de porta ou de janela”; em outra acepção: “apoio lateral de prateleiras”. A tradução optou pelo termo cognato em português. [N.T.]

⁴⁰ No original, “acre -great” (ingl.): “grande”, “que ocupa um acre”. [N.T.]

⁴¹ Em algumas versões, o termo usado, em inglês, é “panel” (“painel”), e não “lintel” (“lintel”). [N.T.]

naquele instante amaldiçoado. A Coisa não pode ser descrita - não há palavras para tamanhos abismos de estridência e loucura imemorável, tamanhas contradições assombradas a respeito de toda e qualquer matéria, força, e ordem cósmica. Uma montanha caminhou ou tropeçou. Deus! É de se admirar que, do outro lado da terra, um grande arquiteto tenha enlouquecido, e o pobre Wilcox delirado de febre naquele instante telepático? A Coisa dos ídolos, a verde, pegajosa prole das estrelas havia despertado para reivindicar seus direitos. As estrelas estavam alinhadas novamente, e o que um culto secular não foi capaz de fazer conscientemente, um bando de inocentes marinheiros havia feito sem querer. Depois de zilhões de anos o grande Cthulhu estava novamente liberto, e ávido por deleitar-se.

Três homens foram varridos pelas flácidas garras antes que alguém se desse conta. Deus os tenha em paz, se ainda houver paz no universo. Eram: Donovan, Guerrero, e Angstrom. Parker fugiu enquanto os outros freneticamente se arremetiam contra uma infundável vista de rocha verde pelo barco, e Johansen jura que foi tragado para cima por um ângulo de alvenaria que não deveria estar lá; um ângulo que era agudo, mas se comportava como se fosse obtuso. Então apenas Briden e Johansen alcançaram o barco, e seguiram desesperadamente para o Alerta, ao passo que a monstruosidade montanhosa se arrastava pelas pedras cheias de lodo e hesitava, debatendo-se às margens da água.

O barco a vapor não se danificara tanto a ponto de naufragar completamente, apesar da ida de todas as mãos para a costa; e foi apenas questão de poucos instantes de empurrões febris para cima e para baixo entre o leme e os motores para ter o Alerta em marcha. Lentamente, em meio aos horrores distorcidos daquela cena indescritível, ele começou a agitar as águas letais; enquanto que na alvenaria da costa sepulcral não era da terra a titânica Coisa das estrelas palavra e balbuciava como Polifemo⁴² amaldiçoando o fugaz

⁴² Na mitologia grega, existem dois personagens com o nome de *Polifemo*. O primeiro, um ciclope, é filho de Posêidon, Deus dos Mares, com a ninfa Thoosa, e vivia como pastor em uma caverna próxima à Sicília, junto ao Etna. É na caverna de Polifemo que Ulisses e os seus vão procurar comida. Percebendo a invasão, o ciclope põe uma pedra na entrada da gruta e tranca a todos lá dentro, só deixando sair as suas ovelhas. Ulisses lhe oferece vinho e o embebeda, para, então, cegá-lo. Sem enxergar, Polifemo liberta Ulisses e seus companheiros sem querer e, furioso, atira ao léu pedras no mar para tentar atingir o navio dos inimigos. Mais tarde, o ciclope pede ao pai, Posêidon que se vingue de Ulisses, e o Deus dos Mares passa a atormentar a viagem do herói.

navio de Odisseu⁴³. Então, mais corajoso que o lendário ciclope, o grande Cthulhu deslizou gorduroso na água e começou a persegui-los com fortes golpes de cósmica potência, capazes de erguer altas ondas. Briden olhou para trás e enlouqueceu, começando a rir histericamente e depois continuando a rir em certos intervalos até que a morte o achou uma noite na cabine em que Johansen devaneava delirante.

Mas Johansen não se tinha entregado. Sabendo que a Coisa seguramente podia alcançar o Alerta, até que o barco estivesse a pleno vapor, ele optou por uma ação desesperada; e, ajustando o motor para velocidade máxima, correu como um relâmpago até o deque e girou todo o leme. Fez-se um poderoso redemoinho e uma espuma na nauseante salmoura, e conforme a potência do vapor aumentava e aumentava, o bravo norueguês apontou sua proa contra a geléia que o perseguia que parecia se erguer sobre a espuma⁴⁴ imunda como a popa de um galeão demoníaco. A medonha cabeça-de-lula⁴⁵ com antenas retorcidas chegou bem próxima aos gurupés do resoluto iate, mas Johansen seguiu implacável. Houve um estouro de uma bexiga explodindo, uma sujidade lamacenta como de um enorme peixe estraçalhado, um fedor como de mil covas abertas, e um som que o cronista não poderia pôr no papel. Por um momento o navio foi enevoadado por uma ácida e cegante nuvem verde, e então havia apenas uma assertiva venenosa e fervilhante; onde - Deus do céu! - a plasticidade irradiada daquela inominável prole celeste estava nebulosamente se recombinaando em sua odiosa forma original, enquanto a cada segundo a distância aumentasse à medida em que o Alerta ganhava ímpeto com o vapor que subia.

Isso era tudo. Depois daquilo, Johansen apenas meditou brevemente acerca do ídolo na cabina e cuidou de arranjar comida para ele próprio e para o risonho maníaco ao seu lado. Ele não tentou navegar depois do primeiro vôo corajoso, pois que a reação havia tirado algo de sua alma. Então veio a tempestade de 2 de abril, e um ajuntamento de nuvens sobre sua consciência. Há uma sensação de estonteamento espectral pelos líquidos golfos do infinito, de andanças vertiginosas por universos espiróides montado em uma cauda de

O outro Polifemo, que não cabe aqui, é um tripulante do Argo, i.e. um argonauta, que ajuda Hércules (ou Hércules) a procurar Hilas em Mísia. A busca leva muito tempo e a embarcação acaba partindo sem eles. [N.T.]

⁴³ *Odisseu* ou Ulisses, herói grego que toma parte na Odisséia, de Homero, épico que descreve sua volta à pátria, após a tomada de Tróia. [N.T.]

⁴⁴ No original, “froth” (ingl.): “espuma”, “vapor”, “bafo”. A tradução optou por diferenciar o termo do empregado logo acima para “foaming” (ingl.). [N.T.]

⁴⁵ No original, “squid-head” (ingl.). [N.T.]

cometa, e de mergulhos histéricos do poço à lua e da lua de volta para o poço, tudo animado por um coro cachinador de deformados, hilariantes deuses anciões e diabretes verdes, de asas de morcego, zombeteiros, do Tártaro.

Fora daquele sonho, viria o resgate - o Vigilante, o tribunal do vice-almirantado, as ruas de Dunedin, e a longa viagem de volta para a velha casa próxima à Egeberg. Ele não podia contar - eles achariam que estava louco. Ele escreveria tudo o que veio a saber antes da morte chegar, mas sua esposa não deveria supor. A morte seria uma dádiva se pudesse rasurar suas memórias.

Esse era o documento que eu li, e agora eu o pus na caixa de estanho ao lado do baixo-relevo e dos documentos do Professor Angell. Com ele irá este meu registro - este teste de minha própria sanidade, em que reconstituo aquilo que eu espero nunca mais se reconstitua⁴⁶. Eu contemplei tudo o que o universo pode oferecer de horror⁴⁷, e mesmo os céus de primavera e as flores de verão talvez, depois de tudo, sejam veneno para mim. Mas eu não acho que minha vida será longa. Da mesma forma que meu tio se foi, que o pobre Johansen se foi, assim eu também irei. Eu sei muito, e o culto ainda vive.

Cthulhu também ainda vive, eu suponho, novamente encerrado naquele precipício de pedra que o escudou desde que o sol era jovem. Sua cidade amaldiçoada está mais uma vez submersa, pois o Vigilante velejou até o lugar depois da tempestade de abril; mas seus ministros na terra dele em terra ainda urram e cabriolam e fazem sacrifícios ao redor de monolitos com ídolos coroados em locais ermos. Ele deve ter sido apanhado pelo naufrágio enquanto ainda em seu abismo negro, ou de outra forma o mundo, a essa altura, estaria gritando de medo e frenesi. Quem conhece o fim? O que emergiu pode afundar, e o que afundou pode emergir. O asco aguarda e sonha nas profundezas, e a decadência se espalha por sobre as oscilantes cidades dos homens. Uma era virá - mas eu não devo e não posso pensar! Deixe-me rezar para que, se eu não sobreviver ao fim deste manuscrito, meus testamenteiros ponham a cautela antes da audácia e cuidem para que ele não caia sob nenhum outro olhar.

⁴⁶ No original, “is pieced together that which I hope may never be pieced together again” (ingl.). A expressão “piece together” (ingl.) pode ser entendida como “juntar os pedaços”. A tradução optou pelo sentido geral do termo, de “recompôr”, “reconstituir”. [N.T.]

⁴⁷ No original, “all that the universe has to hold of horror” (ingl.). [N.T.]

*A Biblioteca Lovecraft deseja demonstrar sua gratidão a Eulogio García Recalde por transcrever este texto.
Este texto foi convertido em PDF por Agha Yasir www.ech-pi-el.com e traduzido para o português por KA-
AK-KIM www.contoaberto.org.*